



## As Contradições do Feminino no Videoclipe “Express Yourself” de Madonna<sup>1</sup>

Bárbara SANTOS<sup>2</sup>

Thiago SOARES<sup>3</sup>

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

**RESUMO:** O artigo propõe uma análise do videoclipe “Express Yourself” da cantora Madonna a partir do reconhecimento de que, neste audiovisual, está presente uma série de questões que dizem respeito à disposição da mulher e do feminino na cultura midiática. Parte-se de uma leitura crítica da canção “Express Yourself” identificando contradições no discurso de Madonna (a dicotomia força x fragilidade) e direciona-se para uma interpretação do clipe levando em consideração a performance da cantora, o ambiente e o tempo em que se passam a narrativa ficcional.

**PALAVRAS-CHAVE:** videoclipe; performance; posicionamento; moda; Madonna.

Este artigo é fruto de um projeto de Iniciação Científica (PIBIC) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) que almeja analisar questões ligadas às disposições do feminino a partir de uma abordagem feminista na obra da artista norte-americana Madonna. Trata-se de uma primeira aproximação com a obra audiovisual da cantora em análise e o clipe da música “Express Yourself” foi escolhido como objeto por ser um dos que melhor sintetiza os questionamentos levantados durante as pesquisas – sobretudo no que diz respeito à construção da imagem da mulher dentro da cultura midiática a partir de aparatos da indústria do entretenimento.

O videoclipe “Express Yourself” ocupa um lugar de destaque na videografia de Madonna. Foi considerado, por muitos críticos, uma verdadeira “obra de arte” que ajudou a revolucionar a forma como os videoclipes eram produzidos – possivelmente por sua referência imagética a “Metropolis”, filme clássico de Fritz Lang. O vídeo ainda circula nas mais conceituadas listas de melhores clipes (“100 melhores vídeos” da revista Rolling Stone e “100 melhores vídeos de todos os tempos” da emissora MTV). A influência do clipe na cultura pop é tão forte que artistas como Cristina Aguilera<sup>4</sup>, beberam da sua fonte em releituras.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 4 – Comunicação Audiovisual do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de maio de 2014.

<sup>2</sup> Estudante de graduação do curso de Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), bolsista PIBIC, email: barbara-t@hotmail.com

<sup>3</sup> Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGC) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), email: [thikos@gmail.com](mailto:thikos@gmail.com)

<sup>4</sup> Em 2010, Christina Aguilera fez uma homenagem a “Express Yourself” com seu vídeo musical “Not Myself Tonight”.



Um videoclipe encena discursos, posicionamentos, a partir da letra da canção encenada e também da performance exibida no audiovisual. Por isso, pensar o clipe “Express Yourself”, demanda, antes, discutir a canção que originou o produto. “Express Yourself” está presente no álbum “Like a Prayer” e traz uma letra que pode ser facilmente compreendida como um apoio à independência afetiva das mulheres (“don’t go for second best, baby!/ Put your love to the test/ Make him express how he feels/ And then you probably will make it real”<sup>5</sup>). No entanto, como sabe-se que a cultura midiática é um ambiente marcado por contradições e, a mesma canção que traz versos como o descrito acima, apresenta uma ambigüidade quando Madonna canta: “O que você precisa é de uma mão grande e forte para te levar ao seu plano mais alto”. Esta “mão grande e forte” pode ser, naturalmente, a mão masculina “levando ao topo” ou também a feminina. “Express Yourself” pode ser lida como uma espécie de “hino feminista”, mas com as ambigüidades que são típicas do discurso midiático. Madonna se coloca, na canção, numa posição ativa e convocatória e diz para as outras mulheres fazerem o mesmo, serem fortes e decididas. Ao mesmo tempo, a cantora parece demonstrar, na letra da canção, interesse por ter um homem ao seu lado. Se pensarmos na obstinação da convocação de Madonna e também na sua fragilização em torno do afeto por um namorado, reconhecemos que “Express Yourself” é uma canção com um acento feminista, mas evidenciando as fragilidades e contradições deste discurso. A uma entrevista ao canal britânico BBC sobre o clipe e a letra da canção, Madonna chegou a afirmar que é sobre “as vulvas dominarem o mundo” - frase que hoje é uma de suas declarações mais lembradas.

### **A construção da imagem de Madonna**

A década de 1980 foi marcante para a história devido a acontecimentos políticos e sociais que circunscreviam o mundo numa dinâmica ligeiramente conservadora. Foi nesse contexto que Madonna surgiu. O seu primeiro CD foi lançado no mercado em 1983 e se auto-intitulava “Madonna”. O álbum alcançou a posição número oito na *Billboard Hot 200*<sup>6</sup>, vendeu cerca de dez milhões de cópias, e emplacou hits como “Holiday”, “Borderline” e “Lucky Star”. Madonna foi uma das primeiras estrelas da

---

<sup>5</sup> “Não fique em segundo plano, baby/ Coloque seu amor à prova/ Faça ele expressar o que sente/ E então você vai saber se é real”

<sup>6</sup> É uma lista que classifica os 200 álbuns e EP mais comercializados nos Estados Unidos, publicada semanalmente na revista *Billboard*.



música a exibir, no canal televisivo americano MTV, videoclipes que chocavam sobretudo pelo seu conteúdo notadamente sexualizado. De acordo com Kellner (2001), a carreira de Madonna pode ser dividida em três fases, distintos entre si, onde a cantora se reinventou e, através de mudanças na sua produção musical, na moda, sexualidade e, portanto, na construção da sua imagem.

Em sua primeira fase, que pode ser exemplificada no videoclipe de “Lucky Star”, a cantora aparece usando tops de renda, saias sobre calças capri, meia arrastão, crucifixos, pulseiras e cabelos descoloridos. Embora alguns considerassem essa forma de se vestir “escandalosa” e “diferente”, ela logo se popularizou entre os jovens que viam nas excentricidades da artista um ícone rebelde a ser seguido: uma crítica ao “puritanismo” da sociedade americana nos anos 80, da Era Reagan. Madonna através da moda pregava que “você pode ser o que você quiser!” basta se libertar das amarras sociais.

Em sua primeira fase, Madonna sancionava a rebeldia, o inconformismo, a individualidade e a experimentação com um jeito de se vestir e de viver. Suas constantes mudanças de imagem e identidade preconizavam a experimentação e a criatividade nesses campos. Suas transformações, às vezes drásticas em matéria de imagem e estilo, indicavam que a identidade, a moda e a sexualidade são um constructo social, algo que, produzido por nós pode ser modificado à vontade. (KELNNER, 2001, p. 341)

A forma irreverente de se vestir da artista ficou conhecida como *flash trash*, uma forma barata de se estar “na moda”, unindo várias referências díspares, aparentemente inconciliáveis, com peças que, pareciam, não combinar. As adolescentes copiaram. Com a notoriedade, a cantora lançou a marca de roupa *Boy Toy*, nome que já causava polêmica devido a sua ambiguidade de sentido. Ao mesmo tempo em que podia significar a “visão da mulher como um brinquedo” e “objeto sexual masculino”, representa também os homens vistos apenas como uns “brinquedos” para as mulheres. O famoso cinto da marca, com o escrito “boy toy” na fivela metálica, ficou conhecido como “o cinto da incastidade” e significava que a mulher podia tirá-lo quando e para quem ela quisesse. Metáfora da liberação sexual feminina.

Em sua segunda fase, a cantora deixou de lado o jeito despojado e peculiar de se vestir e começou a ostentar roupas de marcas famosas. O seu corpo natural foi modificado por ginástica e dietas, seu cabelo mudou de cor e seus penteados se tornaram mais elegantes. Para Kellner (2001), imagetivamente, o clipe de “Express



Yourself”, que será analisado neste artigo, pode ser considerado o ponto culminante de seu segundo momento.

Embora o *flash trash* do início de sua carreira tivesse legitimado a afirmação de uma moda própria, como mistura de roupas baratas, agora Madonna passava a reproduzir a imagem tradicional da mulher bem-vestida, bonita e magra, obrigando as imitadoras a frequentar academias de ginástica e salões de beleza e a comprar roupas, cosméticos e joias caras. (KELLNER, 2001, p. 352)

Na década de 1990, em sua terceira fase, a mais revolucionária, a artista conseguiu chocar mais uma vez com seu guarda roupa *sexy*, “bizarro” e glamuroso. Foi nesse período que ela desafiou as representações convencionais da sexualidade fazendo uso de imagens de lesbianismo, sadomasoquismo, masturbação, sexo inter-racial, tornando-se, assim, um símbolo da liberação sexual.

A carreira de Madonna foi construída através de uma relação sempre ambígua entre marketing, publicidade e mercado musical e é interessante observar que, sua terceira fase, quando ela se consolidou como um produto pop, coincide justamente com o momento de produção de seus videoclipes que se traduzem em experiências sexuais, como “Justify my Love” e “Erótica”.

“Rompendo com as convenções dos videoclipes, que empregam imagens expressivas para ilustrar a letra, os melhores vídeos de Madonna contêm uma estrutura multifacetada de imagens que exigem espectadores atentos para gerar as eventuais interpretações complexas que proliferam no jogo de música, letra e imagem.” (KELNNER, 2001, p. 358)

As jogadas artísticas, indumentárias e identitárias de Madonna chamam atenção para o fato de que a cultura de massa é marcadamente comercial e que é preciso pensar estratégias de posicionamento para artistas neste âmbito. Um dos interesses que recaem sobre Madonna é como ela conseguiu construir uma marca enquanto posicionamento de mercado que perdura até os dias de hoje.

Atualmente, a noção de cultura já vem atrelada com a de marketing: ambos estão firmados de forma que “não podemos mais fazer análises da cultura midiática sem discutir, por exemplo, as estratégias de marketing e posicionamentos de produtos que fazem com que tais produtos midiáticos cheguem a tais contextos de exposição”. (SOARES, 2013, p. 6) Importante pensar Madonna como uma exímia relações públicas,



de criação de um posicionamento específico para sua carreira e de um lugar de destaque no mercado musical. Desde o começo de sua trajetória midiática, suas ações, performances e aparições midiáticas foram cercadas por aspectos inusitados, ambíguos que, ano após ano, multiplicavam as referências da artista na mídia.

Do ponto de vista estritamente musical, Madonna não é considerada uma cantora de vasto alcance vocal – como poderíamos evocar, por exemplo, ao falar de Whitney Houston, Mariah Carey ou Celine Dion. Tampouco, é compositora renomada, como Carole King e Cyndi Lauper. No entanto, o valor, ao tratarmos de Madonna, está em ser uma exímia empresária, capaz de “gerir” sua carreira, negociando com aspectos comerciais e artísticos. Todas as suas fases, se forem vistas evocando aspectos econômico, circunscrevem tipos diferente de orientação de público. Inicialmente, o seu estilo lançador de uma moda inovadora atraiu marcadamente os adolescente; na sua segunda fase, quando ela se portou de modo mais tradicional e “elegante”, agregou um público feminino e, na sua terceira fase, mais experimental, atraiu gays, lésbicas, feministas, libertários sexuais e acadêmicos. Madonna logo se tornou sinônimo de poder e gestão, transformando, cada vez mais, a sua imagem em mercadoria e em sucesso ao vender produtos.

### **A biografia midiática de Madonna**

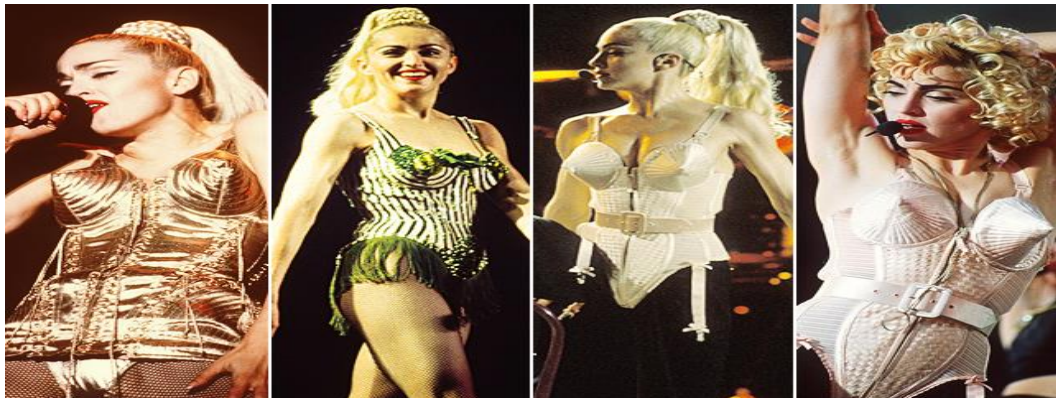
Na década de 1980, quando Madonna lançou seu primeiro álbum *Madonna*, o movimento feminista já se desenvolvia. Na época na qual as mulheres achavam que tinham que abdicar de sua feminilidade e poder sexual em prol do poder recentemente alcançado no mercado de trabalho, Madonna se fazia objeto sexual e mostrava que podia ser *sexy*, inteligente e estar no poder. Objeto e sujeito ao mesmo tempo. Uma subversão epistemológica regada a muitos flashes e coreografias.

Madonna é a verdadeira feminista. Ela denuncia o puritanismo e a sufocante ideologia do feminismo americano, empacado num estilo de lamúria adolescente. Madonna ensinou as jovens a serem plenamente fêmeas e sexuais quando ainda têm controle de suas vidas. Ela mostra às garotas como serem atraentes, sensuais, enérgicas, ambiciosas, agressivas e engraçadas – tudo ao mesmo tempo. (PAGLIA, 1993, p.16)

Numa época em que a maternidade ainda era associada com a ideia de casamento e família, Madonna decidiu que queria ser mãe e não esperou o “príncipe

encantado”, engravidou, em 1994, do *personal trainer* com quem tinha um romance e acabou a história pouco depois.

Em seguida resolveu ter uma família, casou com o cineasta Guy Ritchie e fez o papel da esposa ideal, da mãe conservadora que não deixa os filhos verem TV, como confessou a artista em entrevista ao programa “The Early Show” da emissora americana CBS. Após alguns anos, já separada, ela teve um romance com o modelo brasileiro Jesus Luz, sem se importar para o possível estranhamento sobre relações entre mulheres e homens mais jovens. Madonna parece desconstrução e questionar imagens midiáticas. O uso da maquiagem, dos sutiãs e de todos os outros acessórios, representa uma tomada de posição que mostrar como somos nada além das nossas próprias máscaras. Se somos máscaras, nós podemos nos assumir como desejamos. O sutiã em forma de cone (Figura 1) pontiagudo representa uma disposição psicanalítica: o poder está com você, desde as suas roupas ao comportamento que você cria, como apontou Paglia (1993). Se as feministas reclamam da construção estética, a cantora a utilizava para mostrar seu empoderamento.



**Figura 1**

Madonna representa a uma espécie de heroína do pós-modernismo feminista por combinar uma ingênua carga sedutora com um corajoso tipo de independência. Ela costuma transitar, portanto, entre construções de identidades masculinas e femininas, mas, longe da bipolaridade, aparenta, estar fazendo o seu jogo. (KAPLAN apud SOARES, 2012, p. 124). A seguir, vamos discorrer sobre aspectos analíticos para videoclipes, na tentativa de criar bases para a discussão em torno do clipe “Express Yourself”.



## **Express Yourself: Uma análise**

A análise de um videoclipe tem por objetivo fazer dialogar o autor (quem dirigiu, atuou), o texto (aspectos estruturais e técnicos) e contexto (em que circunstâncias o clipe foi criado) não tentando explicá-los de uma forma que os limitem, mas sim buscando produções de sentido para o que ali está exposto. Sobre o contexto, antes de adentrarmos na análise propriamente dita das imagens presentes no clipe, é preciso destacar elementos que permitem lançar um olhar sobre “Express Yourself”: o primeiro deles, é a parceria entre a cantora Madonna e o diretor do vídeo, David Fincher. Os dois trabalharam juntos nos videoclipes de “Express Yourself” e “Oh Father”, do álbum “Like a Prayer”, e ambos estão na lista “Os 100 melhores vídeos” da *Rolling Stones*. Outro fato interessante foi o orçamento do clipe de 5 milhões de dólares, que o levou a ser considerado o mais caro da história em 1989, o ano de seu lançamento. Temos evidenciada portanto a ideia de que, no terreno do videoclipe, a noção de “parceria” entre artistas musicais e audiovisuais, é um importante elemento de construção discursiva na carreira em questão. Outro aspecto diz respeito ao fato de que “ser o mais caro” clipe de uma determinada época funciona como engrenagem de destaque e posicionamento no mercado musical e do entretenimento, sobretudo em função da fetichização em torno do alto valor dos produtos<sup>7</sup>.

O videoclipe é um objeto de estudo híbrido, o que requer um desafio para o pesquisador. Mescla aspectos plásticos e expressivos do cinema, televisão, música e publicidade, criando assim um produto com o intuito vender a música. Como propôs Soares (2012) para analisar um videoclipe, precisamos interrogá-lo a partir do desenvolvimento e enlace de duas questões: 1. por que foi feito desta forma? 2. atrelado a que contexto se tem configurado determinado maneirismo estético?

Tomando como referência críticas feministas, discutimos, neste artigo, as potências criativas e problemas postos pela obra. No que diz respeito à metodologia de análise do videoclipe, utilizamos textos de Thiago Soares (2012) e suas sugestões sobre como analisar videoclipes a partir de três questionamentos básicos: a) Como se

---

<sup>7</sup> Entre os videoclipes mais caros já produzidos, avaliados em dólar, aparece a cantora Lady Gaga, em primeiro lugar, com “Judas”. O vídeo teve direção da própria artista e Laurieann Gibson e está estimado em 10 milhões de dólares. Em segundo lugar, aparece o cantor Michael Jackson com participação de sua irmã, Janet Jackson, no clipe “Scream”, gravado em 13 de junho de 1995 e com estimativas de cerca de 7 milhões de dólares gastos com o clipe. O diretor responsável foi Mark Romanek. Em terceiro, quarto e quinto lugares aparecem respectivamente Madonna com os clipes: “Die Another Day”, “Express Yourself” e “Bedtime Story”, dos diretores Traktor, David Fincher e Mark Romanek.

apresenta o artista que canta a canção do videoclipe, b) Como se delinea o espaço do cenário no videoclipe, e c) Como se ancora o tempo no videoclipe, eixos que guiaram a nossa discussão e sobre os quais trataremos a seguir.

### **Como se apresenta o artista que canta a canção no videoclipe**

Na primeira imagem do clipe, vemos Madonna sentada sobre uma estátua no formato de uma ave de onde ela se dirige para as mulheres com os primeiros versos da canção: “E aí garotas, vocês acreditam no amor? Tenho algo para dizer-lhes sobre o amor. É o seguinte...”. A esta altura, já identificamos a referência ao clássico filme modernista “Metrópolis”<sup>8</sup>, de Fritz Lang, pois a introdução do videoclipe faz alusão a uma cena do filme, evocando um aspecto muito comum na produção de videoclipes de maneira geral e também na obra audiovisual de Madonna: a intertextualidade, ou seja, a citação de outras imagens emblemáticas na tentativa de “emprestar” aspectos discursivos para o produto<sup>9</sup>.

Madonna é protagonista da história e encena a performance de diva propagada por Hollywood (Figura 2), sendo perceptível a sua semelhança com Marilyn Monroe – algo que ela já tinha evidenciado no clipe “Material Girl”, de 1983. Ela aparece cercada de luxo e glamour, em consonância com a atmosfera do clipe, e movimenta-se de forma sedutora e animalesca, felina. Se pensarmos na referência ao filme “Metrópolis”, Madonna poderia ser vista como a reencarnação da personagem Maria<sup>10</sup>, uma libertária não só da escravidão a qual os homens do vídeo estão submetidos, mas também das mulheres.

---

<sup>8</sup> *Metrópolis* é um filme alemão de ficção científica, produzido em 1927, realizado pelo cineasta austríaco Fritz Lang. É considerado por críticos um dos grandes expoentes do expressionismo alemão.

<sup>9</sup> No videoclipe da música “Material Girl”, Madonna fez uma releitura de uma homônima cena do musical “Os homens preferem as loiras”, de Howard Hawks. A cantora reprisou a sequência onde a atriz Marilyn Monroe canta a música “Diamonds are Girls Best Friend”.

<sup>10</sup> Personagem protagonista de *Metrópolis*, no filme ela é uma andróide que encoraja a classe trabalhadora a se rebelar contra a classe governante.





**Figura 2**

Em muitos de seus clipes, o corpo e a indumentária de Madonna são essenciais para o entendimento do contexto discursivo. Em “Express Yourself”, não é diferente. Na sequência em que ela aparece vestida em um terno e movimenta-se com uma coreografia masculina, deixa claro o objetivo de retratar o empoderamento feminino utilizando-se da imagem de poder do homem como artifício do seu discurso.

“Dentro dessa exibição de imagens masculinas, Madonna surge subitamente de terno, usando um monóculo, e segura a virilha, denotando que assumiu a posição masculina de poder e controle. Em certo ponto, ela abre o paletó com violência para revelar os seios e mostrar que a imagem masculina é apenas mais um construto social, uma posição de sujeito que qualquer um pode ocupar” (KELLNER, 2013, p. 356)

Durante toda a sua carreira Madonna foi cercada por contradições em seus posicionamentos, no clipe de “Express Yourself” o fato dela se vestir de homem para exemplificar o empoderamento feminino é um exemplo disso. Não é possível pensar a imagem de poder feminino? Analisando sobre esta ótica, no vídeo, a artista só subverte as posições da sociedade onde o homem é o dominador e a mulher é a dominada, ela não oferece uma possível saída para isso. A sua personagem está no poder por que sim, não vemos um enfrentamento social onde ela conquista essa dominação. O que temos ali é só artista vestida de homem exalando poder em seus movimentos. Se pensarmos nas lutas feministas para as mulheres conseguirem conquistar os seus direitos, como a igualdade de salário, o posicionamento de Madonna é frívolo, a sua personagem está no comando porque sua indumentária, seu corpo e os seus movimentos evocam isso.

Sempre vista como uma transgressora, Madonna parece mostrar as contradições de ser mulher. Ao mesmo tempo que se veste de homem para evocar a ideia de poder,



expõe uma imagem sensual e submissa ao homem em “Express Yourself”. A cena se desenrola com Madonna acorrentada pelo seu marido (Figura 3) – como fica subentendido no seu personagem–estereotipado no clipe de “todo-poderoso” que controla os operários de sua fábrica, observando-os lá do alto.



**Figura 3**

Há duas possibilidades de leitura desta dessa sequência: a primeira, de que teríamos a personagem submissa ao marido controlador, utilizando-se de seus instintos sexuais como ferramenta de “troca” por poder. Se o marido-dono possui fábricas, dinheiro, Madonna possui seu corpo como ferramenta de empoderamento. Há, também, a possibilidade de leitura de que a cantora não estaria expondo a submissão, e sim dizendo que a feminilidade é uma arma que as mulheres podem usar. Se Madonna estava acorrentada, era porque se deixou acorrentar, por vontade própria:

Sawyer quis saber da reação de Madonna às acusações feministas de que, ao usar um grilhão no pescoço e arrastar-se pelo chão num vídeo anterior, “Express Yourself” ela endossava a “degradação” e “humilhação” das mulheres. Madonna desconversou: “Mas fui eu mesma que me acorrentei! Sou eu quem dá as ordens”. Bem, não. A produtora pode ter escolhido a corrente, mas a persona sexual Madonna no vídeo é alternadamente dominadora travestida e escrava do desejo masculino. (PAGLIA, 1993, p. 16)

As críticas feministas mais ferrenhas em relação à performance de Madonna dizem respeito ao fato de que ao mesmo tempo que ela expõe seu corpo como arma de dominação feminina ela também o usa de forma fetichista para atrair olhares masculinos, a mídia e conseqüentemente vender a música. Por mais que em sua letra



“Express Yourself” evoque as mulheres para elas se imponham as imagens presentes no vídeo, mesmo que ambíguas, mostram a personagem acorrentada numa cama e submissa engatinhando por debaixo de uma mesa, como se fosse um gato, para beber leite em um prato, ou seja, sequências que reificam as mulheres mostrando-as como objetos sexuais masculinos.

### **Como se delinea o cenário no videoclipe**

Sobre esse tópico de análise, afirma Soares (2012):

Aspectos como direção de arte, desenho de produção e decoração do set, figurino, maquiagem e direção de fotografia são fundamentais no entendimento de como a dinâmica do entorno influencia no conceito que envolve determinado artista e o clipe que se originará deste conceito. A direção de arte vai ser fundamental na percepção de até que ponto se cria uma configuração de unidade entre as concepções visuais de um álbum fonográfico e de um videoclipe ou onde podemos vislumbrar limites entre tais elementos. (SOARES, 2012, p. 136-137)

Além de “Express Yourself”, o álbum “Like a Prayer”, lançado no ano de 1989, teve outros quatro *singles* que se tornaram videoclipe: “Like a Prayer” (1989, Mary Lambert), “Cherish” (1989, Herb Hits), “Oh Father” (1989, David Fincher), “Dear Jessie” (1989, Animation City). Os vídeos tem David Fincher como diretor em dois deles (“Express Yourself” e “Oh Father”) e trazem propostas diversas, que não necessariamente têm relação entre si nem com a arte do álbum fonográfico.

O autor sugere, ainda, a divisão da atividade analítica da imagem em dois campos, como proposto por Roland Barthes (1998): signos icônicos e signos plásticos. Enquanto os primeiros dizem respeito aos ambientes construídos a partir de um significante real, como a local onde acontecem as encenações, os segundos tratam de aspectos ligados à pós-produção, como as interferências gráficas e digitais.

O cenário do videoclipe é uma cidade futurista no ar, sustentada por máquinas, cheia de operários que trabalham o tempo inteiro fazendo contraste à vida de luxo exaltada pela dama loira e pelo dono da fábrica que controla tudo e para compor essa paisagem é notável o uso de computação gráfica.



O clipe se desenrola em uma atmosfera sombria típica *cyberpunk*<sup>11</sup>, com baixa qualidade de vida, alta tecnologia, cidades super povoadas, com muita poluição por conta desenvolvimento tecnológico, onde os bens naturais já foram esgotados pela humanidade. Por isso, percebe-se que a fotografia e os efeitos causados pelo jogo de luz e sombra são de grande importância para a produção de sentido provocada pelo videoclipe. Notam-se, ainda, vários elementos *art déco*<sup>12</sup> presentes no design do cenário e dos móveis.

No glamuroso cenário construído para o videoclipe, digno de um filme *blockbuster* de Hollywood, temos a fotografia com base em excessos. Em algumas sequências o clipe é muito escuro e em outras exageradamente claro. Nos planos abertos, onde temos uma noção mais ampla do espaço, o azulado e as sombras predominam, o que significa a poluição do ambiente e escassez de recursos naturais presentes no tempo em que passa o clipe, questão que será com mais consideração discutida no próximo tópico de análise. Nos planos fechados e nos closes dos personagens existe um excesso de luz.

O vídeo passa ao espectador uma sensação de distanciamento em relação ao ambiente e a narrativa. O que nos remete novamente ao tempo do clipe, um futuro onde as máquinas dominam, onde as relações entre os seres humanos estão cada vez raras, efêmeras e artificiais e o individualismo impera. Os closes no rosto de Madonna a luz é tão forte que não é possível perceber os detalhes da sua feição o que pode significar uma crítica a impessoalidade propagada indústria que impõe limites de beleza e comportamento. A partir desta análise percebemos que o videoclipe pega “emprestado” de “Metrópolis” o seu caráter atemporal de discussão, os aspectos descritos acima são extremamente atuais.

### **Como se ancora o tempo no videoclipe**

Segundo Soares (2012) o tempo no videoclipe pode ser descrito como:

---

<sup>11</sup> Em 1983 o termo “cyberpunk” foi criado por Bruce Bethke e popularizado por Gardner Dozois para identificar este novo ramo da Ficção Científica que encarava o futuro da humanidade de modo extremamente pessimista.

<sup>12</sup> O termo Art déco, de origem francesa (abreviação de arts décoratifs), refere-se a um estilo decorativo que se afirma nas artes plásticas, artes aplicadas (design, mobiliário, decoração etc.) e arquitetura no entre guerras europeu. O padrão decorativo *art déco* segue outra direção: predominam as linhas retas ou circulares estilizadas, as formas geométricas e o design abstrato. Entre os motivos mais explorados estão os animais e as formas femininas.



“O tempo pode vir expresso tanto no tempo da ação que se desenvolve a narrativa no videoclipe (daí poderíamos falar de uma velocidade ou lentidão da narrativa) quanto no maneirismo de corte ou das técnicas de fusão entre imagens (podemos falar, em contrapartida, de uma velocidade ou lentidão do ritmo do clipe). Portanto, falar em tempo no clipe pode estar relacionado ao tempo de duração da diegese da história que se conta ou do ritmo que se impõe a este clipe, estando, na maioria das vezes, o ritmo do clipe relacionado às técnicas de montagem deste vídeo.”(SOARES, 2012, p. 137-138)

A diegese do videoclipe se passa em um futuro distópico, uma visão degenerada do futuro em que a humanidade estaria colhendo os frutos – e por que não dejetos – de todo este progresso científico e industrial que ela mesmo criou. A fotografia do vídeo dá a impressão que os acontecimentos se desenrolam na noite, nas sombras, evocando a ideia de pessimismo em relação ao futuro e a falta de elementos naturais, como a luz solar.

A narrativa de *Express Yourself* é bastante simples. O vídeo pode ser dividido em um primeiro momento, no qual Madonna encarna a mulher rica e submissa, entretanto, que fala que nenhuma riqueza é mais importante do que ser valorizada e elevada ao mais alto patamar pelo sexo oposto, e num outro, quando o operário vai ao seu encontro e dá-se o momento de libertação da opressão masculina, tendo as cenas de rebelião dos outros operários ocorrendo concomitantemente.

No que diz respeito ao ritmo, torna-se inevitável nos remetermos à montagem que, como é comum na linguagem videoclíptica, é composta por planos de curta duração e cortes em sincronia com a música. O ritmo do clipe é oscilante, ora lento, com ênfase em alguns aspectos do corpo de Madonna e em outros momentos acompanhando o ritmo enérgico da canção. No decorrer do vídeo, os planos se revezam, num primeiro momento, as imagens mostram Madonna em um patamar mais alto em relação aos operários (em cima da ave, no alto de uma torre, dentro da fábrica) e submissa ao seu marido (acorrentada na cama, andando pelo chão como uma gata). No segundo momento, ela sofre uma metamorfose, iguala-se aos operários e se liberta da opressão do marido. Pode-se pensar que a lentidão de alguns planos fazem referência ao caminhar lento que o gato-animal/gato-Madonna se locomove.

### **Apontamentos finais**

Dada a análise que foi feita até o momento podemos concluir que o clipe “Express Yourself” tem duas veias de interpretação sendo elas: transgressora e



conservadora. A primeira delas porque apresenta uma artista dirigindo-se as mulheres em um produto midiático atitude rara para o ano de 1989. As imagens videoclipe onde Madonna inverte as relações de poder aliada a letra da música que afirma a auto expressão constituem um sólido texto feminista.

No entanto, as imagens de exibicionismo da cantora que convocam os olhares masculinos dirigidos *voyeuristicamente* para figuras femininas transformadas em objetos sexuais apresentando uma clássica estrutura *hollywoodiana*, percebemos estrutura conservadora que reafirma as posições sociais do masculino e feminino já consolidadas.

Madonna é uma artista que desafiou todo o contexto social e político de sua época e por isso merece ser estudada dentro da ótica do feminismo, das relações públicas e das contradições em suas performances. Sua obra, sua popularidade e sua influência revelam importantes características da natureza e da função da identidade no mundo contemporâneo. A complexidade de suas invenções e seu desdém a códigos e convenções tradicionais fazem de Madonna, não importa em que tempo, sempre uma escolha desafiante para a pesquisa e análise – como bem nos ensina Douglas Kellner.

## REFERÊNCIAS

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**: Estudos culturais: identidade e política entre o moderno e pós-moderno. São Paulo: EDUSC, 2001.

PAGLIA, Camille. **Sexo, Arte e Cultura Americana**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOARES, Thiago. **Videoclipe: O Elogio da Desarmonia**. João Pessoa: Marca da Fantasia, 2012.

\_\_\_\_\_. **Cultura Pop: Interfaces Teóricas, Abordagens Possíveis**. In: Anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Intercom, Manaus: 2013. p.1-15